A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano II—Numero 101 — Preço avulso 1 Escudo — 12 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

CUIDADO COM OS GRAVATEIROS!

A policia foi informada de que, aproveitando o lusco-fusco das tardes de inverno, os gravateiros têm assaltado varias senhoras nas grandes avenidas excentricas.

LER DENTRO BRILHANTE COLABORAÇÃO de André Brun, Feliciano Santos, Artur Portela, Leitão de Barros, Tomaz Ribeiro Colaço, etc.

ANO II — N.º 102
LISBOA 19 DE DEZEMBRO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

questão prévia

SE não houvesse loteria eu não sei o que haveria de ser da nossa fecunda e fumegante imaginação. Provavelmente secava, como couve tronchuda á mingua de rega e sacho.

Felizmente, todas as semanas a roda da fortuna, que por sinal é uma bola, gira vertiginosa e nas suas voltas resolve sonhos, esperanças, ambições, que quasi sempre duram uma vida inteira sem lograrem realisação.

Com dificuldade se encontrará um portuguesinho, valente ou medroso, que pelo menos uma vez na vida se não tenha habilitado á sorte. A confiança na colaboração do acaso está-nos na massa do sangue.

Milagre tanto pode ser o de Ourique como o do cambista. Se a Rainha Santa transformou o pão em rosas, porque é que a Santa Casa não ha de transformar um vigesimos em escudos?

«Queira a sorte!» E' sempre por esta frase, murmurada entre dentes, que principiam os nossos devaneios. Como cerejas tiradas dum cêsto, umas nas outras veem entrelaçadas as nossas ambições e os nossos projectos. Ha quem, habilitado com um modesto centesimo, espere a sorte grande para se permitir o luxo de almoço e jantar um mês a fio, numa estrondosa desforra de muitos anos de apetite enganado a café chilro, mas tambem não falta quem, podendo jogar com um bilhete inteiro, nele deposite toda a esperança da compra dum «chalet» fóra de portas ou dum jazigo nos Prazeres.

Os censores de animo inflexivel podem acusar a lotaria de perniciosos efeitos sobre a actividade nacional, amolentando as energias com a promessa de muito dinheiro adquirido sem esforço. Eu — sem rebuço o confesso — simpatiso com essa instituição de azar, pelo ensejo que fornece ao sonho de abrir as azas consoladoras e dispensadoras de Ilusão sobre as almas simples.

Mais terrivel do que nada ter na vida é perder a esperança de vir a possuir os meios para a viver a nosso gosto. A sorte grande, que não cede a empenhos nem escolhe os que atinge, dá ao menos este consolo a quantos vivem na esperança de melhores dias. Sei de muita gente que se viesse á conclusão certa e inexoravel de que a sua vida seria sempre, até á hora extrema, o mesmo extenuante esforço do presente e o mesmo sacrificio do passado, não hesitaria em adiantar o relogio, para que a hora fatal soasse mais cêdo.

Aproveito este ensejo da proximidade da lotaria do Natal para desabafar as minhas simpatias pela batotinha que o Estado tutela, porque tenho a certeza de que, entre os que me leem, nem uma só pessoa está a estas horas convencida de que o peru natalino, que lhe compete, não será abatido pelo golpe da Misericordia vibrado com o numero do seu palpite. Eu, que podia limitar-me a estas considerações, tambem estou habilitado á sorte, embora reconheça que seria muito mais vantajoso habilitar-me como herdeiro unico dum tio, que generosamente tivesse deixado oito mil contos e sovinamente não tivesse deixado mais parentes.

LER O NUMERO ESPECIAL

NATAL

NOVELA POR
NORBERTO DE ARAUJO
CRONICAS POR
ARTUR PORTELA
NORBERTO LOPES

Crónica alegre

POR ANDRÉ BRUN

O BOM HUMOR

Todos os dias vejo anunciados nos papeis varios especificos e elixires contra a queda do cabêlo, a diabetes, o artritismo e mil outras doenças mais ou menos incuraveis. Estranho que ainda se não descobrice um remédio ou um metodo de tratamento para combater o mau humor, que incontestavelmente aflige o portuguez.

Ter bom humor é agradabilissimo. Estar de mau humor, que coisa desagradavel para o proprio e para os visinhos! No entanto, o mau humor é um incomodo susceptivel de tratamento.

Ele depende quasi sempre da importancia que nós damos ás coisas pequenas da vida. Compreendo muito bem que se ande mal humorado em face d'uma desgraça irremediavel, d'uma morte ou d'uma doença gravissima; mas que o facto de um puxador de porta se negar a cumprir o seu mandato, ou d'uma gravata se demonstrar incompativel com o colarinho, leve um espirito a descrer da vida, da constancia dos amigos, da fidelidade das mulheres, das vantagens do regimen e da eficacia das Pilulas Pink, isso é que eu acho um pouco exagerado. Viver serenamente, limpo de consciencia, despido de ambições que se não possam realizar, com uma noção o mais aproximadamente exacta da sua função e dos seus méritos, ser benevolo para com os outros, lastimando os estupidos e desculpando os maus quando seja licito fazel-o, e sobretudo raciocinar sobre todos os incidentes da existencia, essas são as bases do bom humor. Com saude que baste e dinheiro que sobre, o mais são lérias.

O FRIO

E' singular a influencia que tem o frio no desenvolvimento dos sentimentos de familia. Como se sabe, o lisboeta tem a fobia da casa. Só se sente bem fora das paredes caseiras. Sae de manhã para o emprego, chega á tarde, á hora do jantar, engole o bocado e safa-se pela porta fóra. Não ha um só que não tenha uma associação, um café ou uma tabacaria onde passe as noites cavaqueando, emquanto a familia cabeceia e espera a hora de se deitar.

Rarissimos são os que apreciam o conchego do lár e odeiam a vagabundagem das esquinas, em que se travam interminaveis palestras de uma futilidade imbecil, cujo fundo é quasi sempre a má lingua, a coscovilhice ou a banalidade indiferente.

Se chega, porem, uma vága de frio como temos agora, o caso muda de figura.

Não se encontram senão cavalheiros embuçadissimos, que á pergunta tradicional — «Então, que é feito?» nos respondem. — «Vou andando para casa». E todos nos contam que a mulher anda passando mal, que o pequeno tem necessidade que lhe expliquem umas lições, que tem uns papeis a pôr em ordem, etc. Todas as peripecias meudas da vida caseira começam a interessar aqueles que nunca scismaram consagrar-lhes um só minuto.

A' vida lisboeta, que sofre profundamente da mingua de amisade ao lar, conviria extraordinariamente que este frio durasse uns mezes. Ele acabaria com o pior dos defeitos da nossa gente: o andar a fazer horas, quando o dia não preciza de mais e quando poderiam ocupar as que nos dá o relogio duma maneira sã e mais pratica.

BASTA!

Durante uma semana os leitores do «Diario de Noticias», entre os quais me incorpóro, chegaram a ter a ilusão de já não estarem na cidade de marmore e granito. Com efeito, quasi todas as primeiras paginas eram cheias com as mil quinhentas e vinte e quatro declarações de Mussolini. Houve mesmo um dia em que surgiu o retrato dum mano de Mussollini, que ainda não tinhamos nos nossos albuns.

Esse mano, ao que parece, ainda é mais assanhado do que o «Duce» e no titulo se anunciava que os dois irmãos saberiam fazer triunfar os sonhos do avô. Este avô já ia surdindo de «róbe de chambre», e chinelos de ramagens. Era uma coisa enternecedora. Felizmente isso aquietou e agora, reflectindo um pouco, vêsse que se trata duma questão de más paginações.

HISTORIAS DEBAIXO DA CAMA

Um sujeito entra em casa, descobre que é enganado. O amante enfia-se debaixo da cama, a senhora esgueira-se conforme póde. O marido enganado e perplexo vem junto á cama, colóca nela um pé, apoia no joelho o cotovelo e na mão aberta a fronte pensativa. E passa uma hora, e passam duas e passam trez. De debaixo da cama o amante, que já não póde mais, estende a mão, puxa a calça do novo amigo e pergunta:

— Então?

— Espére, não tenha pressa, estou a pensar.

* * *

Este marido é o mais condescendente do mundo; por isso, estando no quarto com a mulher e sentindo chegar o «Ai Jesus», para não fazer perder tempo, enfia-se para debaixo da cama. O amante entra e depois de longas palestras diz á sua bem amada:

— Afinal, de todo me esqueceu trazer aqueles colarinhos que me tinhas pedido para o teu marido; de resto, tinha-me esquecido o numero.

Então, de debaixo da cama, a vósinha debil e muito amavel explicou:

— Trinta e sête.

ANDRÉ BRUN

Má língua

AU. I. E.

O desejo inicial das iniciais
que encimam esta chronica rimada
foi o mais alto e nobre dos ideais
foi soberbo, foi quasi uma cruzada.

A gente ouvia as hostes aguerridas
recheadas de dinheiro a tilintar
sonhando, atraz das letras referidas,
Um Imenso Eldoroso a germinar.

Mas ai, os Interesses! Que traiçoeiros
na maneira subtil por que reagem!
Até o fel innunda açucareiros
se não fazem farinha co'a Moagem...

Este a dar um puxão para a direita,
outro a ver onde encharca a sua sôpa.
União! União! — E cada um se ageita.
União! — E cada qual conchêga a roupa.

Fôra adquirido o Seculo, e bem pago.
Num ou dois dias se arranjou a massa,
tomando a U. I. E. o logar vago
de Pericles, Rei-Sol, e Silva Graça.

Depois, essa trindade de vogaes
a Trindade Coelho o confiou,
— e lá vimos artigos magistraes
em que o grande escriptor se salientou.

Houve campanhas que causaram pasmo
e o Seculo tornou-se, sem favor,
com zêlo, inteligencia, enthusiasmo,
um forte e valoroso lidador.

Com Pereira da Rosa no volante
mais se accentuou ainda esse caracter;
— e eu a suppor que a U. I. E., ovante,
era, dessa attitude, a «alma-mater»!

Alma-mater gentil que te sumiste
tão cêdo desse rumo descontente,
descrente da moral assim que viste
que a moral prejudica muita gente...

Tudo quanto era proclamar de face
sem mêdo, sem rebuços, tal moral,
punha sal na moleira á illustre classe
que tem... Um Interesse Especial...

E vá de provocar um sarrabulho,
com grandes espaventos linguareiros,
onde se metem, p'ra fazer barulho,
as colheradas dos assucareiros.

A Moagem, que anda em horas de aflicções
e por todos se vê crucificada,
(até por um «Jesus» que aos mais pimpões
deu a melhor licção da temporada)

escuta por tabella a voz cruel
de quem a accusa, fero e denodado,
de ter desempenhado um mau papel
impingindo um papel muito empenhado.

E assim, num temeroso tumultuar,
de mais Wagneriana orchestração
Um Immenso Eldorado a germinar
se torna Uma Infernal Encravação.

TAÇO

— *O emprezario — O senhor já tocou em publico?*
— *Não senhor.*
— *Mas então . . . onde é que lhe partiram a cara?*

— *O quê, dois contos de reis pelo rez do chão?*
— *Sim, senhor, não é caro. Não vê que tem ascensor?*

HUMORISMO

Pagina Alegre por Xisto Junior

A Sociedade das Nações da minha escada

PELO tratado de não sei quantos de Novembro dum ano que já lá vai ha muito, data do acampamento da tribu Crisostomo na minha vizinhança, foram ratificadas as normas de direito consuetudinario até então em vigor e que regulavam as relações inter-inquilinais sobre o delicado ponto da lavagem da escada. Por esse acordo, que ambas as partes negociaram com boa fé e um sorriso nos labios, estabelecia-se que a escada sentiria as caricias da escova e aproveitaria dos beneficios do sabão amarelo uma vez por semana e que a agua, o sabão, a escova e a respectiva criada para a manobrar seriam alternadamente fornecidas por cada uma das altas partes (a acção passava-se num terceiro andar) contratantes.

Durante anos vigorou este acordo, sem que de parte a parte se manifestasse a mais ligeira tendencia para faltar á fé dos tratados. Mas quere o destino que a vida não decorra sempre igual, talvez para que a gente se não aborreça com a sua monotonia ou para que uma pessoa conheça quanto a vingança pode desvairar o espirito do mais pacato Crisostomo deste mundo.

Foi assim que um dia chegou em que Crisostomo, com uma semcerimonia teutonica, tomou a iniciativa de proclamar, em pleno patamar, que passava a considerar o velho tratado que regulava a lavagem semanal da escada, não como um «chiffon de papier», porque não havia documento escrito, mas como um «chiffon» de palavras, porque tudo tinha sido tratado de lingua, mais declarando que só mandaria lavar os degraus na semana dos nove dias. Conhecedor das insolitas disposições do meu visinho, enviei-lhe uma nota diplomatica sob a forma de cartão de visita, convidando-o a expôr as razões do seu estranho procedimento. Por identicas vias recebi um memorandum em que Crisostomo, com uma facundia de meter a um canto os trinta volumes dos sermões do padre Antonio Vieira, acusava o meu gato de violação dos tratados, praticando no patamar sucessivos actos de «sabotage» liquida e solida. O memorandum de Crisostomo convidava-me a verificar um delito ainda fresco junto á soleira da sua porta, afectando o recorte caprichoso dum

pequeno Mediterraneo, e terminava por esta afirmação vigorosa: «A natureza não cria espontaneamente a serradura senão para que haja paz nas familias e aceio nas escadas».

Movido pelo meu espirito conciliador, propuz um inquerito aos actos de «Januario», nome por que é conhecido o meu gato desde a mais tenra infancia. Formou-se, para o efeito, uma comissão mixta, com participação das partes em litigio e presidida pelo visinho do primeiro andar, que tem muita pratica de estas coisas de limpeza, por já ter sido vereador do respectivo pelouro. Crisostomo comprometeu-se, em acta assinada por todos os presentes, a submeter o caso á arbitragem depois de concluido o inquerito, resolução que foi muito bem recebida por todo o predio, que estava sériamente preocupado com a possibilidade duma guerra nestas alturas — num terceiro andar.

O inquerito arrastou-se, conforme os bons costumes nacionaes. Finalmente a comissão apresentou o seu relatorio, cujas conclusões não podiam ser mais honrosas para a honorabilidade de «Januario». Averiguou-se, quanto á «sabotage», que o meu gato estava inocente, devendo imputar-se os delitos solidos a um cão vadio, que se introduzira na escada sob o falaz pretexto de ter encontrado a porta aberta, e os liquidos ao guarda-chuva do recebedor da Companhia das Aguas.

Apezas destas provas estarem abonadas com os relatorios dos peritos quimicos do laboratorio oficial, Crisostomo veio contestar perante o tribunal de arbitragem, alegando que o guarda-chuva do empregado da Companhia das Aguas não podia verter agua, liquido que muitas vezes os proprios contadores se recusam a deitar pela torneira. Esta alegação foi cominada de má fé e dolo pelo tribunal, vindo a averiguar-se que Crisostomo pretendia exercer contra «Januario» e contra mim, seu dono — dono do «Januario», não de Crisostomo — uma vingança mesquinha.

Perante esta revelação, Crisostomo sucumbiu e a sua alma, a cuja inocencia ingenua me apraz render o preito desta publica consagração, abriu-se largamente em soluços e explicações. Com uma eloquencia grandiosa, que ainda um dia lhe ha de valer o apodo de «canario da Penha de França», Crisostomo enterneceu os arbitros, contando a historia dum bife que conseguira adquirir ao cabo de vinte mêses de apertada economia e com que tencionava regalar-se ao almoço, em certo domingo que ele presumia dever ser o aniversario da sua entrada nos dominios das funções publicas.

Disse as suas provações e as suas privações; as cedulas de meio tostão sonegadas nas palmilhas das botas á fiscalisação implacavel de Madame Crisostomo; as pontas de cigarro da reserva chamadas ao efectivo, para poupar o tabaco; a volta da repartição a pé, economisando os centavos do electrico e sofrendo a humilhação de vêr passar toda a vizinhança repimpada no carro. A sua voz tinha a vibração dramatica dum soluço classificado em tragedia na Escola da Arte de Representar. . . mal. Todos nós estavamos comovidos e só «Januario», que assistia á audiencia como réu, se conservava enroscado sob a minha cadeira, a dormir, com um cinismo que não deixarei de reprovar.

Crisostomo, com pinceladas firmes, descreveu depois o bife. Era tenro, vermelho e do lombo. Tinha-lhe custado dois mil e quinhentos e comprara-o ao fim de vinte mêses de parcimonioso viver. Adquirira-o num talho da Baixa e não pezava duzentas e cincoenta gramas. Levara-o para a repartição e passara as horas de expediente a abrir a gaveta da secretaria, a desembrulhar o

bife e a contemplar-lhe enternecidamente as fibras. A' noite, em casa, com uma ternura de mãe, deitou-o carinhosamente num prato e ornamentou-o com dois dentes de alho cortado em rodelas. E toda a noite sonhou com batatas fritas e com manteiga a ferver numa frigideira de barro.

A assistencia estava suspensa de anciedade. Em palavras bruscas, Crisostomo golfou a sua dôr. O bife, o tenro bife, na manhã seguinte, havia desaparecido. E, com lagrimas na voz, concluiu tragico:

— E quem o comeu está ali!

E com dedo inexoravelopontava «Januario» que, tendo acordado, lambia voluptuosamente o pêlo fôfo do ventre.

O tribunal, apezar de comovido, foi imparcial no seu acordão, e considerando que o roubo dum bife não é justificativo da quebra dum tratado, considerando ainda que se não tinha feito prova contra o meu gato nem pelo que respeitava ao bife nem á «sabotage» do patamar, condenou Crisostomo na indemnisação que me era devida pelas despesas feitas com a lavagem extraordinaria da escada e selos do processo.

Crisostomo declarou que não estava habilitado a pagar os dezoito tostões da indemenisação devida e logo ali ficou assente a reunião duma conferencia intervizinhal, para determinar em que prasos ele haveria de fazer o pagamento das prestações em cedulas ou em «nature».

Essa conferencia reuniu ha dias e Crisostomo solveu o seu compromisso pagando nove tostões em dinheiro e dando-me uma oleografia que ornamentava a sua casa de jantar, representando um coelho morto, velado por meia duzia de rabanetes e duas laranjas. Esta entrega foi considerada pagamento em «natureza» . . . morta.

Reconciliámo-nos com exuberancia e regressámos ao convivio das janelas do saguão, onde Crisostomo me deu as restantes explicações:

— O vizinho desculpe, porque afinal o «gato» era meu.

XISTO JUNIOR

O CEGO

— Muito obrigado, meu bemfeitor, pelos dez tostõesichos . . . —
— Mas então o senhor vê ?
— Ah, foi engano lá da associação. A minha taboleta não é esta. Eu sou surdo-mudo!

DECLARAÇÃO

— Adoro-o, Josefina. Q..ere casar comigo ?
— Mas o futuro. . . o que é o senhor ?
— Eu... sou solteiro...

Ano II—Numero 101
O DOMINGO ilustrado

Curiosidades

O PREÇO DUM LIVRO

Acaba de ser vendido, em New-York, um livro raro, pelo preço fabuloso de 106.000 dólares, ou seja, mais de 3 milhões de francos e mais de dois mil e cem contos, o que representa um *record*. Trata-se, é facto, duma curiosidade tipográfica. A obra vendida é um dos treze exemplares conhecidos da Biblia impressa por Gutenberg. Provem do mosteiro de Melk, na Austria, onde foi conservado durante muito tempo.

OS PRIMEIROS FURA-CEUS

Não foram os americanos quem inventou os *fura-ceus*. Já os havia em Roma, no tempo de Sylla que, antes de ir vencer Nuthridates, alugava, por 3.000 sesterces, uns quartos, no rez do chão duma casa de vinte andares.

Cicero possuia, em Roma, vários prédios, de que tirava um rendimento anual de 80.000 sesterces.

E' o snr. Homo, erudito professor da Universidade de Lyon, quem cita estas importâncias. Acrescenta que, mais tarde, a Roma imperial contava 1.790 casas particulares e 46.000 predios de aluguer.

Os *fura-ceus* atingiram então umas proporções tais que Augusto e depois Nero tiveram que proibir a construção de casas cuja altura ultrapassasse uns trinta metros.

PENA DE MORTE

Há trinta e nove anos que—com excepção de casos de guerra—nenhuma mulher condenada á morte, em França, chega a sofrer a pena capital.

O Presidente da Republica usa sempre do seu direito de perdão, quando se trata de mulheres. A última guilhotinada, em França, foi a mulher dum tal Thomas, que, ajudada pelo marido e pelos irmãos, queimou viva a sua própria mãe, a viuva Lebon, antiga criada que vivia retirada em Luneu, perto de Romorantin. O mobil do crime fôra apenas o desejo de não ter que sustentar a mãe. Os esposos Thomas foram condenados á morte e guilhotinados em Romorantin, em fevereiro de 1887. O marido caminhou para a morte, corajosamente. O mesmo não aconteceu com a mulher, que foi arrastada para o suplício, soltando gritos lancinantes.

A TORRE SONORA

Sabe-se que a Torre Spaski, de Moscow, possui um relógio que toca a *Internacional*, sendo êste hino transmitido pelo posto de emissão de Moscow, numa onda de 1.450 metros.

Esse relógio foi construido em Milão, em 1491, e, em 1628, tocou canções holandezas. Um relojoeiro alemão concertou-o, mais tarde, passando então o relógio a tocar um hino militar. Nicolau I obrigou-o a tocar uma marcha militar, e Alexandre II um psalmo. Durante a revolução da Rússia o relógio não tocou; agora atrôa os ares com a *Internacional*.

VAI ANDAR A RODA...

DAQUI a dois ou três dias anda a roda, para a loteria grande do Natal, a loteria em que todos jogam, a que faz bailar, ante as imaginações mais pobres as mais ricas visões de vida sumptuosa. A loteria do Natal, com o seu prémio gordo de milhares de contos, é sempre um acontecimento de interêsse nacional, assim como a loteria de Espanha, com «el gordo» de milhões de pesetas, é um acontecimento universal.

Agora, que tantas imaginações estão prêsas no cofre-forte da Misericordia que, como a Providencia, decide destinos e escolhe favoritos—, agora que vai chover sôbre o país—sôbre uma só cabeça ou sôbre centenas delas—uma chuva de escudos—, não é inteiramente fora de propósito dizer qualquer cousa, quaisquer pormenores anedóticos, sôbre a história das loterias, em Portugal.

A loteria, instituição oficial do jogo que é lícito e bem aceite pela moral publica—atendendo á aplicação caritativa do seu rendimento—foi estabelecida em 1783, sob a protecção do duque de Lafões, o erudito fundador da Academia Real das Sciências. A roda da loteria passou a funcionar sob os mesmos tectos onde funcionava a «roda» dos engeitados, criada por Pina Manique, para fazer diminuir o número dos infanticidios.

Um decreto de 18 de novembro de 1783 determinava o funcionamento das loterias, cujos lucros seriam a favor dos hospitais, dos engeitados e da Academia das Sciências. Ao principio, havia apenas uma loteria anual, mas vendo-se que os seus benefícios eram grandes, o govêrno começou a recorrer a êsse fundo de receita, beneficiando com os lucros várias instituições de caridade, como a Casa Pia, o Recolhimento do Rego, para mulheres, a obra de vacinação do reino, etc. Por vezes, faziam-se loterias especiais para custear certas despezas, como aconteceu com as que se fizeram para as obras dos teatros de S. Carlos, da Rua dos Condes e de S. João do Porto. Os premios nem sempre eram em dinheiro; por vezes, eram em herdades e lezirias do Estado, em títulos, em pensões vitalícias, em prédios, etc.

A loteria passou depois a trimestral e em seguida, a trimensal.

O provedor da Misericordia, Marquês do Rio Maior, extinguia a vergonhosa instituição da «roda» dos engeitados, mas a roda da loteria continuou a rodar, sempre mais apressada . . .

No século XVIII, as primeiras loterias tinham 22.500 bilhetes, a 6$400 reis cada um, com direito a 7.833 prémios, sendo o maior de 12:000$000 réis, os imediatos de 4:800$000 e 1:600$000 e o menor de 8$000 réis. Estes primeiros bilhetes só se vendiam inteiros; em 1862, porém, foram divididos em quartos, para facilitar a venda, e, daí por diante, passaram, sucessivamente, a ser divididos em quintos, em nonos, em décimos e em vigésimos. Hoje, são divididos tambem em centèsimos.

Os bilhetes, depois de impressos nas oficinas tipográficas da Santa Casa, na calçada da Glória, eram cuidadosamente revistos antes de serem vendidos aos cambistas, capelistas «habilitados» e cauteleiros. Tempo houve em que a compra dos bilhetes dava motivo sempre a graves tumultos, pois a procura era muito maior do que as possibilidades de venda.

Os cambistas, para facilidade de venda, abriam os bilhetes em cautelas, que mandavam revistar e autenticar á oficina do «Carimbo», na Santa Casa. Nas mãos dos cauteleiros ambulantes as cautelas espalham-se então por todo o país. Na vida típica de Lisboa sobressaem alguns tipos de cauteleiros que nossos pais e avós muito bem conheceram. Desde o célebre «Uma jóia», assim conhecido por causa do seu pregão—«Quem quer uma jóia»! «Quem quer uma jóia»!—até ao aleijado do Rocio, ao do burrinho coberto de cautelas, ao «menino do Castelo», ao «cauteleiro fardado», que interminável série de curiosos tipos populares!

Há cauteleiros que incitam o «palpite» do comprador, falando-lhe de números bonitos e feios, de números «furados» (com zeros intercalados), etc., não se lembrando que até os números mais regeitados teem apanhado a sorte. A sorte grande da loteria de 23 de Novembro de 1906 saiu ao número 1; o número 5.000, sendo o último duma loteria, tambem obteve o prémio maior. O número 2 tambem saiu com o mesmo prémio grande, aberto em cautelas pelo antigo cambista Peres.

Em 1785, quando havia uma só loteria por ano, com 22.500 bilhetes, a extracção durava 34 dias e tinha grande solenidade. Dentro de duas grandes rodas, guardadas por dezoito soldados e um cabo, estavam as sortes, que eram papelinhos dobrádos e numerados á pena; os papeis eram tirados por dois rapazitos, vestidos pela Santa Casa, os quais os entregavam aos pregoeiros, que liam o número e o prémio. Os números sem prémio eram correspondentes a papelinhos «brancos», e é esta a origem das expressões «saiu branco», «está branca», ainda hoje empregadas. A extracção terminava á 1 hora da tarde, para recomeçar na manhã seguinte.

Mais tarde, em 1862, o sistema de extracção aperfeiçoou-se imenso, adoptando-se as engenhosas esferas de rêde metálica, construidas por Joaquim Pedro Ribeiro da Costa Holtreman.

As loterias extraordinárias eram as de Santo António e da Senhora da Conceição; esta, porém, mudou para o Natal. A primeira loteria do Natal foi em 1897 e saiu no número 5.723 o prémio grande, que eram cem contos. No ano de 1902, o prémio grande do Natal saiu no 3.640, número que pertencia ao visconde do Cabo de Santa Maria, o qual, pouco antes, recebera 600 contos, da loteria de Espanha.

Dois «maduros» publicaram em tempos uma «Relação dos números mais premiados desde 1862 até 1901. E é possivel que êste trabalho tivesse por fim facilitar os estudos de outros «maduros» que julgam, á força de cálculos, poder adivinhar o número da Fortuna . . . Que sonho impossivel! A Fortuna tem mil rostos e cada um dêsses rostos tem mil sorrisos . . . Quem pode adivinhar quando um dêsses sorrisos lhe será dirigido . . ?

QUEM ERAM OS IRMÃOS SIAMEZES

Os irmãos siamezes, chamados Eng e Chang Bincher, nasceram em 1811, no reino de Sião. Eram xifópagos, isto é, estavam unidos por uma membrana que era bastante flexivel para lhes permitir viver não de face um para o outro, mas encostados lado a lado, com dois braços para a frente e dois para traz. Uma pequena abertura na camisa bastava para enfiar a parte comum, que um cirurgião talvez pudesse cortar. O seu porte era de 1m,65, sendo Eng um pouco mais alto. Andavam depressa e bem.

Os prazeres e os desgostos não eram comuns nem simultâneos, mas sentiam, ao mesmo tempo, vontade de comer e de beber. Os seus caracteres eram opostos. Chang era vivo e alegre; Eng era triste e taciturno, do que resultou terem grandes zangas e pedirem ao célebre cirurgião Nélaton que os separasse, pedido êste que não foi atendido. Os dois irmãos casaram com duas irmãs não gemeas, tendo uma delas seis filhos e a outra cinco, todos bem construidos.

Em 1874, Chang morreu duma especie de pneumonia; Eng sucumbiu algumas horas depois, apezar de não ter sido atacado pela doença que vitimou o irmão.

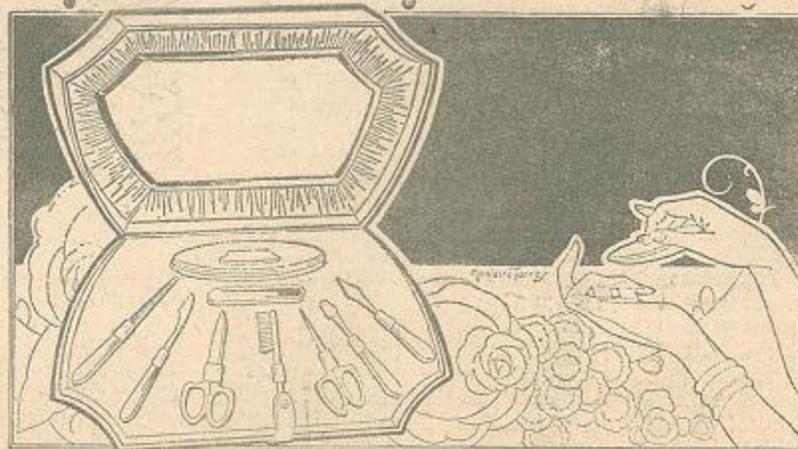
Tôda a Europa e tôda a América contemplaram os dois irmãos em numerosas exposições, e a estranha ligação dêsses dois seres do mesmo sexo deu origem á expressão *irmãos siamezes*, sempre que se quere fazer referência a duas pessoas unidas por quaisquer estreitas afinidades de ordem fisica ou espiritual.

CONTRA O TABACO

Diversos higienistas teem procurado a maneira de fazer com que os fumadores percam o vicio. Kolometzew aconselhou, para alcançar êsse objectivo, um gargarejo de nitrato de prata a 0,25 %, repetido todas as manhãs. Bardet propôs um gargarejo análogo de nitrato de soda a 0,50 %. Skonlski preconisa que se toque na garganta, várias vezes por dia, com um pincel mergulhado numa solução de nitrato de prata a 5 %.

O fumador que se submete a qualquer dêsses processos, apezar de não sentir qualquer alteração do sentido do gôsto, não pode mais engulir uma baforáda de tabaco, tão desagradável é a amargura por ela produzida.

AS PRINCIPAIS MARCHAS FÚNEBRES

As principais marchas fúnebres são: a de Chopin, que se toca, geralmente, em França, nas exequias nacionais; as da *Sinfonia Heroica* e a *Décima segunda sonata* para piano, de Beethoven. Nas cerimónias dos países germânicos, toca-se de preferência a marcha fúnebre do *Crepúsculo dos Deuses*, de Wagner. Enfim, uma outra marcha fúnebre, dum alto valor musical igualmente, figura nos *«Romances sans paroles»*, de Mendelssohn.

O DOMINGO Ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Simplifiquemos . . .

Max Reinhardt, que teve o seu jubileu ainda há pouco em Berlim, e em que todo o mundo reconhece a auctoridade suprema da Enscenação, acaba de lançar uma novidade que revolucionará a Scena Lyrica: A ópera falada.

Essa tentativa produziu-se em Viena. A nova opera intitula-se «Victoire» e consiste numa serie de recitativos e bailados com o acompanhamento de um piano em surdina, colocado na scena. A palavra passa a desempenhar um papel tão importante como o musico.

A inovação foi bem recebida. Na America do Norte vão fazer tentativa imitante.

Armand Crablé e Ottein já em Lisboa nos déram espectaculos que bem poderiam denominar-se «Opera de Camara». «Il segretto de Suzanna» de Wolff-Ferrari, «Zannetto» de Mascagni parece haverem sido escritas para esse fim. E ainda muitas outras, não contando com as operas de «marionnettes», as de Stravinsky, Manuel de Falla e Malipiero, uma modalidade á parte, pois aqui não se dispensam nem orquestra nem cantares.

Concordemos que a sugestão Reinhardt é o ultimo surto para a reforma da técnica da Opera, talvez avançado em demasia. . .

Abstemo-nos de formular uma opinião sobre o papel que desempenhará a orquestra na opera de futuro.

E' possivel que as grandes massas orquestraes se reservem apenas para Concertos Synfonicos e que, para a forma nova da opera, o numero de executantes tenha de ser restringido ao minimo. (Para a opera que requer grandiosidade, tal medida seria absurda).

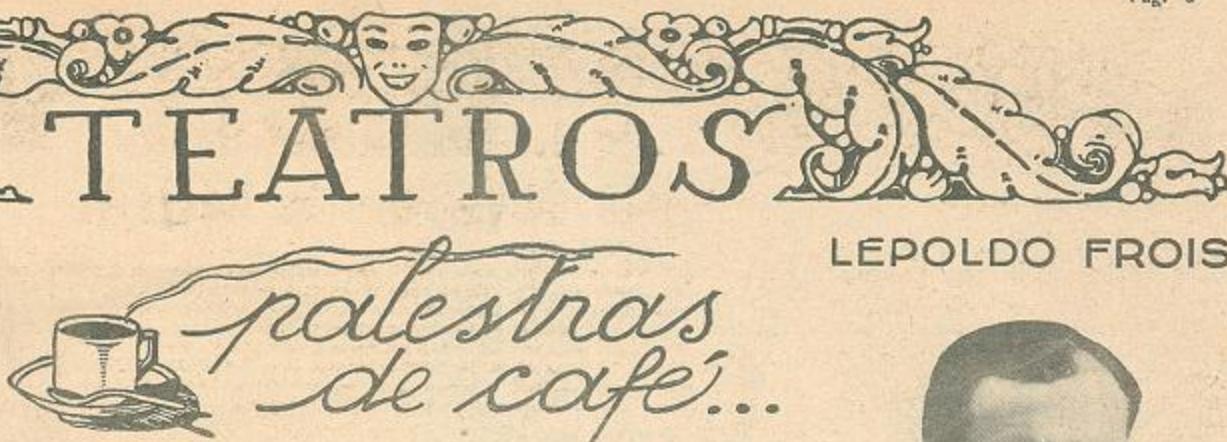
E é ainda muito possivel que a «Jazz-mania» venha a exercer a sua influencia, com a creação, para a opera, de novos naipes, de instrumentos exóticos. E teriamos, n'este caso, um aumento consideravel de executantes. Teem a palavra os técnicos.

O que há a tirar de realmente proveitoso da evolução Max Reinhardt é esse principio de simplificação que deve ser aplicado, ainda mais que n'outro qualquer campo, na Comedia.

Reinhardt, renovador «mise en-scène», mostra-nos por esse principio que se adoptou na Opera que o Teatro de Dizer pode muito bem dispensar os grandes agrupamentos, as montagens complicadas que revestem a Peça de artificios tão inuteis como condenaveis.

O progresso está em simplificação máxima, á qual tendem todos os modernistas, a única formula compativel com o Teatro condensado.

E só os grupos pequenos e homogeneos (h-o-m-o-g-e-n-e-o-s) nos poderão mostrar esse Teatro em que a Simplicidade começa pela linha arquitectonica da obra e termina pela exteriorisação que nol-a dão os actores, gente simples, no fim de contas . . .

CARLOS ABREU

O olhar dos dramaturgos

JÁ repararam na curiosa semelhança fisica destes três homens de teatro: Bernard Schaw, Luigi Pirandello e o nosso Eduardo Schwalback?

Não tanto atravez destas gravuras — mas nas proprias figuras vivas existem semelhanças e paralelismos de feição e olhar que fazem pensar.

Uma vez um jornalista argentino, encarando o olhar astuto de Benavente, comentou: «Vos otros, los hombres que escriben teatro, tienen una mirada extraña...»

E' justo. O homem que se encerra num gabinete, rapa dum caderno branco, e consegue fazer viver um mundo atravez a convenção dumas garatujas no papel; o mago que cria, agita, faz mover e explodir conflitos e almas, saltitando dumas para as outras, penetrando personagens e atitudes, espiritos e gestos, erguendo a Vida nas palavras que escreve, construindo mundos de paixão, de violencia e de ternura, fazendo girar ao sabôr da sua creação os destinos e as vidas — esse homem ha-de, fatalmente, olhar, dum modo, — especial e penetrante os outros homens.

Ha-o quer que seja de subtil, diabolico, perfurante no olhar fino dos grandes homens de teatro.

Mesmo quando eles escrevem com a dureza dum Lenormand ou com a «panache» sentimental dum Bataille, o olhar lá está, duro e frio, naquele, sereno e perturbante neste, mas em ambos, frio, escalpelisador, implacavel.

Eduardo Schwalback

O homem de teatro, habituado a encarar os lances da vida que o rodeia sob o prisma do interesse teatral, adquire muitas vezes uma apatia especial para as suas tragedias intimas. Curel escreveu a um amigo: «Meu caro, perdi este ano na alta Champagne o melhor de metade da colheita com os calores extemporâneos. Julgo-me porem indemnisado pelo formidavel espectaculo de duas procissões «ad pretendam pluviam». Como é bom ver-se isso ainda.»

O proprio Bataille, reforçando a ideia de que os homens de teatro são obrigados muitas vezes a analisar a frio frequentes situações da sociedade, escreveu no prefacio duma das suas edições: «Muito mais do que os pintores, os escritores de teatro observam a vida, alem da paizagem aparente. Ha-os que perseguem os seus modelos, com uma persistencia diabolica, e tudo sofrem para não perderem um pormenor São os escravos duma realidade, muitas vezes inutil. Esses perdem a sensibilidade critica, a ternura de analise, e são verdadeiros «clichés» psicologicos, algumas vezes bem pouco eloquentes. Em qualquer circunstancia, porém, um auctor é sempre um psicologo, observador, atento da paixão humana, e o seu olhar, ora piedoso, ora perfurante, tem aquelle brilho entusiastico que se pressente nos olhos dos grandes pintores».

Bernard Schaw

Luigi Pirandello

LEPOLDO FROIS

O S.r Leopoldo Frois, artista cuja superior cultura, cuja escola, cuja educação e cujo talento valem uma geração de teatro, encontra-se como dissemos entre nós.

O glorioso actor, a quem prestamos a nossa homenagem de boas vindas vem organizar um nucleo que leva á ao Brazil.

Cumprimentando-o pela sua entrada em Portugal, cumprimentamos o teatro Brazileiro, onde já tão grandes nomes vêem aparecendo e ao qual é preciso dar em Portugal o ambiente a que tem absolutamente jus.

OS INIMIGOS

Um exito no Politeama

Ilda nos, «Inimigos» (pelo caricaturista Botelho)

A brilhante companhia de Ilda-Alexandre, no Politeama, acaba de obter um justo e consolador exito, com o original português *Inimigos*. Como principal interpete da obra e como ensaiadora, Ilda, obteve, decerto, uma das maiores noites da sua triunfal carreira. Victoriano Braga, o nosso notavel dramaturgo teve a consagração da sua maior obra de teatro e Raul de Carvalho, um grande galã, partilhou nesse espectaculo festivo e bem portugues do grande carinho do publico.

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Uma novela da minha vida

A historia duma caveira

POR

ARTUR PORTELA

Numa clara e gelada noite de janeiro, quando as estrelas choravam arrepiadas de frio, e o mar antigo se calara como um naufrago cansado de lutar — resolvi serenamente o meu crime. Tomei por um caminho afastado da vila que o luar pizava, com a mesma brancura e o mesmo arrepio friorento da neve. Já conhecia a estrada. Dias antes, por uma manhã de oiro, destas que andam nas aguarelas dos artistas sadios de beleza, tinha-a percorrido, acompanhando um caixãozito branco de creança, onde um anjo dormia, com um sorriso imovel de graça magoada. Mas agora de noite, esquecendo a evocação da paisagem, dura e funebre nas sombras profundas, que o luar colocava nas gargantas despedaçadas dos rochedos e nas arvores torturadas e famintas pela areia seca da duna, alquebrada de vendavais — procurava chegar ao cemiterio, antes que a manhã rompesse a vida da costa, em gritos de pescadores, redes ao mar, burriqueiros de sardinha a caminho da vila.

O cemiterio ficava lá no alto, abandonado e triste. Uma cancela velha, que rangia aos repuxões do vento, alguns ciprestes altivos, como alfanges dum exercito invencivel, que o luar prateava; fachadas de jazigos, esqualidas, hirtas, sacrificadas á geometria piedosa e tosca dos canteiros de aldeia.

Isolava-o um pequeno muro, de facil acesso. Confesso que o escalei, a mêdo, como uma creança ou como um gatuno. Senti-me inferior ao crime. Desprezei a ambição, tolhido dum receio sacrilego, que mais tarde, não sei porquê, achei infinitamente pueril e ridiculo.

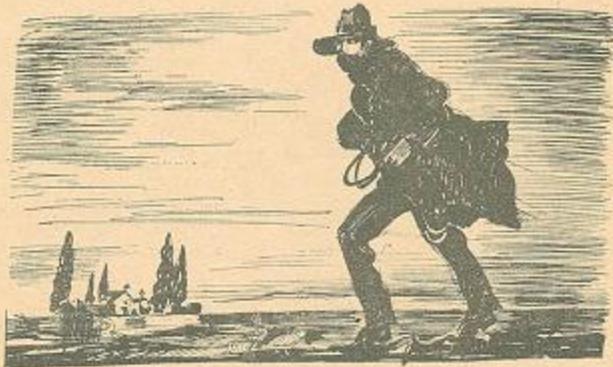
Mas se fosse apanhado? O que diria? Nada. Uma desculpa tola, uma explicacão confusa. Lia já o meu nome nos jornais, encabeçado a negro: *Profanação macabra.* Depois tudo me denunciava: a capa espanhola, que levava nos ombros, para me disfarçar; a corda de esparto que enrolara no braço; o chapeu largo, negro, felpudo, que me tapava o rosto, dando me um aspecto de bandido da raça, destes que perpassam no cinema, roubando e amando, de audacia em audacia, de coração em coração...

Quando pizei a primeira rua do cemiterio, o silencio penetrou-me. Ganhei serenidade. A calma dos mortos, deitadinhos, dormindo ao luar, sem que as rozas reflorissem uma ultima ilusão—comoveu-me! Talvez chorasse em frente de dois palmos de terra, onde dias antes ajudara a sepultar a filha dum grande amôr e dum grande crime... Foi um instante apenas. O septicismo dos meus vinte anos, turbulentamente educados em barricadas de anarquismo ideal, animaram-me já sem luta, nem cobardias, naquele passeio nocturno, onde ia conquistar a morte. Viola-la! Junto de nichos votivos, luzinhas vacilavam, como almas exaustas de oração. O perfil da egreja era mais vago. Afilava-se no ar transparente, como uma enorme cruz erguida á humildade dum Deus, pequenino e bom. Talvez áquela hora andasse sobre as aguas do mar, pescando tambem... Talvez! Foi decerto ele quem consentiu o meu crime e mais tarde m'o perdoou, ungindo de ternura e de crença o meu pobre coração transviado...

Fui pela rua fóra, cortei á esquerda, desci ladeando um campo de sepulturas razas. Era lá no fundo a vala comum. Fiquei desolado! Fazia-a maior, mais simbolica. Esperava sentir a morte, vê-la, alucinada e fria, grandiosa e tragica. A vala era apenas uma cova, recoberta á superficie por umas taboas já quasi apodrecidas pela gangrena dos cadaveres e pelas enxurradas de inverno. Aquilo só era bem pouco para a minha imaginação, perigosamente esquentada. Tirei uma taboa; tirei outra—e olhei fito, mas de longe. Nada! Um montão de ossos.

Algumas tibias erguidas; velhos craneos descarnados, roídos, onde as larvas fosforejavam como olhos de pantera sedenta. Agarrei num ao acaso, que senti nas mãos, pezado e massiço. Devagarinho, para não ferir o silencio que empalidecia os longes, dando-lhe uma nitidez cruel de miragem, embrulhei a caveira num velho jornal.

* * *

Ao outro dia, em casa, ao contemplar o meu roubo, fiquei desiludido. Esperava ver um craneo marfilino, polido e limpido como um nacar patinado pelo tempo. Mas não—apodrecia ainda, mal descarnado, enegrecido de sangue, endurecido de terra. Só as orbitas profundas e o rizo escarninho, sêco, voluptuoso de ironia, extranhamente perverso, se destacava com crueldade inciziva, naquele triste e inutil despojo humano...

Tomei por um caminho afastado da vila...

Recorri ás lavagens, aos desinfectantes. Fui mais longe. Com uma faca raspei os ultimos cabelos, aderencias apodrecidas de carne, desagreguei a terra, que se tinha cimentado nos relevos da mascara. Mas—oh! ironia!—eu estava ainda muito atrazado em quimica. A caveira resistia aos meus ingredientes primitivos. Estava mais negra, duma côr espessa de sangue morto, onde as veias se desenhavam como tatuagens grifadas, misteriosas. Como podia figurar em cima da minha meza de trabalho, onde eu queria que ela interrogasse a vida, insaciavel de desprezo—funesta e calma, absorta e feliz na vida morta que fazia eternamente viver os seus dentes agudos, de rizo lento, profundo e sinistro?

* * *

Não a podendo vencer resolvi sepulta-la. Tinha que regressar a Lisboa. Havia ainda alfandegas. Era fatal—seria descoberto. Estava já a vêr o guarda, de luva branca, exumando da minha escassa bagagem aquele objecto sem aplicação nem utilidade. E outra vez a noticia dos jornais—*Sacrilegio barbaro* dançava em negros e reprovativos caracteres, sobre o meu retrato, de criminoso nato. Provada a minha necrofolia—a cadeia aguardava-me, indiferente e pezada.

Pensei ainda voltar ao cemiterio. Mas faltava me a coragem. Começava a minha expiação, o meu remorso. A partida, porem, era urgente, inadiavel para o dia seguinte.

Já a praia se cobria de nevoeiro, mas havia ainda algumas loiras romanticas que andavam a namorar o sol, tingindo de febres de outono, como os seus labios vermelhos de tizicas romanticas.

Esperei a noite, com a impaciencia dum condenado que aguarda salvação, no mesmo instante em que o nó da força lhe aperta a garganta. Só muito tarde sai de caza, cozido com a sombra, enrolado na capa, com a caveira embrulhada em papel. Muito embrulhada. Passei pelo quartel da vila. A sentinela rondava, gritando por vezes, numa voz plangente, que o oceano cobria dum prolongado murmurio:

— *A'lerta!*

E a outra, lá longe, invizivel:

— *A'lerta está!*

Atravessei a ponte, onde acostam os navios que andam rio acima, rio abaixo. Desci uns degraus. Estava em frente do mar, em frente da noite, junto da minha consciencia, vacilante e condenada. Fecharam-se-me as palpebras. No mesmo instante alguma coisa caiu na agua, com um baque surdo. Olhei, então!

A caveira boiava, vingativa e lenta, como recusando a sepultura das ondas. Acreditei nos mortos. Os mortos mandam!

Mordi as mãos, tingi-as de sangue. O coração quebrou-se-me no peito, ferido de anciedade e de espanto. Loucamente, corri. . . Era o suicidio, o castigo. Pôde ainda olhar. Ah! como bemdigo esse minuto em que estive suspenso das mãos de Deus! Como ele me beijou! Senti a sua misericordia, quando a caveira, decerto já embebida de agua, vagarosamente se afundou,—resgatando o meu crime.

ARTUR PORTELA

LER O NUMERO DO NATAL DO «DOMINGO ILUSTRADO»

SIGILO

—O senhor é capaz de guardar um segredo?
—Sou como um tumulo.
—Sabe, precisava de 20 mil reis e não queria que se viesse a saber...
—Esteja descançado. E' como se não tivesse ouvido nada...

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA COMICA COMPLETA

A perdição de Inocencio

Novela de observação, onde, a traços rapidos, se esboçam alguns curiosos tipos da Lisboa nocturna.

INOCENCIO, alem de ser, como é notorio, um cidadão metodico e pacato, era desde a edade das sortes um zeloso funcionario da Alfandega.

Refiro-me áquela edade em que alem das sortes do recrutamento militar se tem, com o verdor da mocidade, toda a casta de sortes amorosas; por vezes verdadeiras sortes grandes em bilhete inteiro ou pelo menos alguns premios de consolação.

Contudo ele foi sempre nesse ponto duma seriedade inexcedivel. Ao sair da Repartição, ia sempre de olhos pudicamente fixos nas pedrinhas da calçada, para fugir a tentações. E assim entrava no lar paterno, porque era então ainda solteiro, maior e vacinado.

Ora foi esta sua propria qualidade, a de andar na rua alheio a tudo o que o cercava, que o levou ao matrimonio. Um dia, ao atravessar de olhos baixos um passeio, foi de encontro a uma senhora que decerto abstrata tambem vinha. Ao levantar os olhos em seguida ao choque inesperado, ele viu na sua frente aquela que hoje ostenta por esposa, D. Celeste, que foi nesse momento para ele, apesar de sardenta e bexigosa, uma verdadeira visão celestial. Seguiu-se, é claro, o auspicioso enlace, uma lua com uma dose de mel capaz de enjoar o mais guloso, e depois uma vida toda tranquila, metodica e tão regrada como um relogio de precisão.

Mas há momentos fatais na vida dum homem, mesmo que ele seja, como o Inocencio, o mais invulneravel a tentações.

Um colega de carteira, tipo que cultivava as diversões nocturnas no proposito de se dar ares de esturdio, de boemio incorrigivel, disse um dia ao Inocencio:

— Você deve ter uma vida muito estupida! Porque não vem uma noite comigo ao Maxim's?

Inocencio, que nunca ouvira tal nome, julgou a principio tratar-se dum extintor de incendios; aquilo cheiroulhe vagamente a Minimax. Mas quando o outro lhe disse que se tratava dum club de batota, Inocencio fez-se livido como se lhe tivessem feito a proposta mais infame. E muito tremulo disse que não podia, não costumava sair á noite, nunca tinha entrado nessas casas, não se sentiria bem, que era impossivel, por causa da familia, enfim, uma bicha interminavel de obstaculos e dificuldades.

Mas o amigo, homem pratico, depois de lhe fazer a descrição do que aquilo era, carregando-lhe os tons de forma a provocar a tentação e dizendo-lhe que ao menos uma vez valia a pena vêr, terminou por lhe fornecer os meios de o conseguir, a desculpa a arquitetar em casa, enfim, todas as facilidades.

E logo nessa tarde, a instancias do amigo, se bem que um pouco contrariado e receioso dos resultados, o Inocencio pôz em pratica o plano do colega e telefonou para casa, afim de justificar a sua primeira falta ao rancho familiar.

Muito tremulo pegou no auscultador, pediu o numero e esperou. Pouco depois uma voz vibrante respondia e o Inocencio, tremendo como meia duzia lortida de meninas histericas, disfarçando a voz o mais possivel, perguntou donde falavam. Mas percebeu logo que era a sogra, e deixando cair o auscultador, deixou-se cair tambem pesadamente nos braços do amigo.

Este, expedito, agarrou no aparelho e não esteve com mais aquelas.

Perguntou se era de casa do Sr. Inocencio que falavam e perante a resposta afirmativa declarou que era um continuo da Repartição e que, a pedido do Director Geral, comunicava á familia do Sôr Inocencio, que ele nesse dia não iria jantar e tinha naturalmente de ficar toda a noite na Alfandega, por causa da refórma das Pautas. E desligou.

Quando o Inocencio voltou a si, estava o facto consumado. O amigo declarou que desistir agora seria colocar mal o Director Geral e o Inocencio concordou, já tentado tambem por aquela inesperada rapioca.

* * *

Ao entrar no Maxim's, Inocencio sentiu um verdadeiro deslumbramento. Tudo aquilo lhe parecia sobrenatural, um conto maravilhoso de fadas, ou das mil e uma noites. E á medida que subia, subia a sua admiração. Ao entrar na sala de baile as luzes estontearamno. O amigo mostrou-lhe então todas as dependencias, num ar de conhecedor, de habituado a tudo aquilo, muito á vontade, falando a todos.

Inocencio começou tambem a notar em si uma sorte extraordinaria com as senhoras. Ele, na verdade tinha o ar de papalvo importado directamente da provincia e é claro que tais requisitos eram de molde a atrair sobre ele as atenções daquelas damas. E de facto muitas d'elas, antigas mulheres a dias, hoje transformadas em mulheres a noites, começaram cercando o Inocencio, que já não sabia ao certo a sua naturalidade. Cada vez mais lhe parecia um sonho tudo aquilo e quando uma delas, um «papillon» com envergadura de baleia, se lhe sentou quasi nos joelhos, pareceu-lhe mesmo um pesadelo.

Tanto mais que um sujeito alentado, com tipo de marchante e decerto proprietario da madama, desconfiado, o ficou olhando de soslaio.

Na sala de jogo tambem o Inocencio teve ocasião de admirar, com o pasmo natural de quem não está habituado ao ambiente, os varios fenomenos proprios de tais paragens. Mas o que mais o admirou foi um sujeito baixo, nervoso, de cabelo branco, que não se contentava em jogar numa das mesas: saltitava constantemente duma a outra com as mãos cheias de fichas, que ia tirando dos bolsos, febrilmente, jogando aqui, jogando ali, e perdendo quasi sempre em toda a parte.

Todos na mesa se precipitaram puxando o papel...

O Inocencio ficou apenas com a impressão de que aquele homem andava ali apenas a vêr se conseguia gastar aquele dinheiro.

Mas sentia-se outro, a musica excitava-o, os licôres que bebera subiamlhe á cabeça e numa mesa com o amigo, tendo ao seu lado duas ex-sopeiras para todo o serviço, que ele estava tratando com a consideração e os galanteios que teria endereçado a duas princezas, sentia-se tambem um grande pandego.

Simplesmente extranhava o silencio delas. Tomava-o, é claro, por acanhamento, o natural pudor de ouvir as suas frases madrigalescas. Só mais tarde poude perceber que elas se conservavam em quasi constante mudez, porque quando abriam a boca as asneiras eram ás grosas.

Mas uma delas pediu-lhe para dançar. Inocencio ficou perplexo. Era uma coisa que nunca tinha experimentado. O amigo mostrou-lhe então os outros pares, disse-lhe que atualmente se dançava de qualquer maneira; que a dança admitia tudo; e que mesmo quanto mais exoticos fossem os seus passos tanto melhor. E ele foi.

Na verdade, no meio da sala, entre varios fenomenos, andava um mulato, que num ar de macaco fugido da floresta espinotava e cabriolava selvaticamente, fazendo esgares e momices junto duma rapariga que o seguia tambem, supondo fazer sucesso. O Inocencio, quasi arrastado pela companheira, em breve se arrependia da sua deliberação e por mais que quizesse prestar atenção ao que fazia, não podia fartar-se ao receio que lhe estava provocando um outro par, onde o homem, verdadeiro louco perigoso fugido ao manicomio, saltava furiosamente com a mulher desgrenhada que arrastava consigo, parando por vezes para dar verdadeiros coices nos parceiros e outras para bater furiosamente no sobrado os enormes sapatôrros que trazia, no aparente proposito de estragar o calçado.

Mas apezar de todas as cautelas não tardou que o Inocencio fosse atirado de encontro a uma mesa, entornando uma cerveja e ouvindo dos atropelados a ameaça dum par de bofetadas e outras amabilidades tentadoras.

Inocencio veiu sentar-se, declarando que afinal aquilo era uma dança propria de quadrupedes.

O amigo, num ar muito viajado, afirmou que ainda aquilo não era nada; em Paris, sim, era outra coisa.

— Então matam-se uns aos outros? —perguntou o Inocencio.

— Não mas aqui é tudo forçado postiço; lá, não senhor.

— Percebo, são os pontapés ao natural.

— Não, mas é uma alegria maior, mais franca...

— Isso tambem não admira,—fez o Inocencio,—se é em frança.

O amigo, para o convencer, começou então descrevendo as suas impressões, de viagem; mas de repente o Inocencio, que estava boquiaberto, sentiu-se aflito. De facto, uma enorme serpentina tinhalhe entrado pela boca. Todos na mesa se precipitaram, puxando, o papel que se foi desenrolando e saindo vertiginosamente, perante o olhar esgazeado do Inocencio, que tinha ao mesmo tempo um ar de prestidigitador fazendo sortes.

Findo o incidente, o Inocencio des-

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 7 3.ª serie	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME **DR. FANTASMA**	19 DEZEMBRO 1926

Apuramento do n.º 1 (3.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

JAMENGAL
N.º 2 — 12 Votos

N.º 1, de D. SIMPATICO. . . . . 4 votos
N.º 14, de VISCONDE DA RELVA . . . . 2 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, AVIARDO, D. GALENO, D. VASCO, DROPÉ, HOPE, LHALHA, ORLANDO-O-PALADINO, REI-FERA, VASCO DIAS (todos da T. E.); LILI, MAMEGO.

Com 14 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

CASTROLIVA 10, D. SIMPATICO (T. E.) PAUSANIAS, SANCHO PANÇA, VIRIATO SIMÕES 8, SPARTANUS 7.

OUTROS DECIFRADORES

DOIS PRINCIPIANTES, 6

DECIFRAÇÕES

1—*menosprêço*, 2—*RUIDOSO*, 3—entre-pano, 4—regente, 5—requintado, 6—saltaregra, 7 paulada, 8—xantoma, 9—Portugal-velho, 10—dinamómetro, 11—séquito, 12—agradar, 13—esteril, 14—*anhoto*.

DEDICATORIAS

MAMEGO, decifrou a charada que VISCONDE DA RELVA lhe dedicou.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 8, de DROPÉ, com 12 decifradores.

LOGOGRIFO

(*Ao dignissimo director desta secção* Dr. Fantasma)

1
Na minha vida, apenas *um* amor—3
Cheio de ardor, sincero e forte, tive,
Que na minha alma, cheia de esperança
Sua lembrança terna, ainda vive...

E' com *pesar* enorme e muito intenso—4—5
Que, triste, penso sempre na mulher,
Que em mim cavou o mais profundo val
Que, por meu mal, é onde hei-de morrer.

Já *sofre* o coração desiludido—1—2—3
E constrangido por ser desprezado;
Mas a maior dor que minha alma invade
E' a saudade desse amor passado...

Essa «*mulher*» que assim me seduziu—1—3-4—5
De mim fugiu, deixando-me isolado.
Agora que me cerca a solidão,
Meu coração, mais sinto *magoado*...

Porto — OCIREMA (E. F. C.)

CHARADAS EM VERSO

(*Ao ilustre* Dr. da Mula Ruça, *apropósito da sua* logomaquia)

2
Ao repto que me dirige,
Não posso alheio ficar,
Tanto mais que a honra, exige
Que a luva hei-de levantar.

Mas o duelo, a meu ver,
E' um *logro*, sem igual,—3
Que, dôr *causa*, a quem sofrer—1
Perda no jogo fatal!

Lisboa — D. GALENO (T. E.)

(*Ao Lord Da Nozes*)

3
Conheço um «*homem*» maduro,—3
Que tem certa *adoração*,—3
Devida, ao *culto dos anjos*,
Com ardente devoção!

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

[*Ao confrade* Euristo, *ilustre figuradista*]

4
Se, como dizem, é certo
Ser você o campeão
Dos «figurados», eu dou-lhe
Um grande aperto de mão

Com sinceros parabens,—1
E desejo, ardentemente,
Que continue a gosar
Essa fama, eternamente!

Sempre lhe digo: *vi* sempre,—1
Em você, dos *que*, em segrêdo,—1
Fazem obras de valôr,
Daquelas de meter *medo*!

Lisboa — JAMENGAL

[*Ao* Dr. Mirones]

5
A filha do Cipriano,
Aos remedios, tão avessa,
Foi vitima dum *engano*,—2
Mas, acaso ela *faleça*,—2
O que merece o tirano?
Com uma *moca*, na cabeça!

Porto — OTROPAVLIS

ENIGMA EM VERSO

(*Oferecido á ilustre confreira* Mamego *com os meus respeitos*)

6
São lindos, a mais não ser,
Os olhos da minha amada;
Mas o corpo, é de temer...
E' mal feita, *atrofiada*...

Lisboa — REI-FERA (T. E.)

CHARADAS EM FRASE

7 E' no atravessar a *fronteira* que mais *trabalha* o *armeiro*.—2—2.
Lisboa — ADAMASTOR

8 Deixei o tanque *raso*, por não ter *tempo* de o encher *até acima*.—1—1
Lisboa — AFRICANO

[*A' distinta confreira* Mamego]

9 A *edade* que tem, ainda a deixa *purificar* a sua sabedoria, visto que sabe como *proceder*.—2—2
Lisboa — AVIARDO

(*Parando, a parte que cabe, na estocada dirigida por* D. Simpatico)

10 Creio que na dedicatoria do seu «logogrifo», não ha intenção de «*troça*» para com os colegas a que se refere?! E, se assim não é, terei *pena* de o ver *apepinado* com as respostas.—4—1
Lisboa — DROPÉ

(*Ao amigo* Ordigues)

11 Você *gasta* a «*nota*» e não se lembra que tem o fato *tisnado*?—2—1
Lisboa — EURISTO

(*Ao amigo* Renandof)

12 A *lã de carneiro*, foi vendida no «*Porto*», com grande *rapidez*.—2—3
Ermezinde — FOFORONOF

(*Ao Ex. Director desta Secção*

13 *Em* conhecendo bem a *origem* do seu ferimento, provoca-lhe uma *regeneração de partes destruidas*.—2—3
Coimbra — FRANGERQUE

14 Tenho de *lembrança* a *relação* do *fantasiador*.—3—2
Lisboa — HELION

Novamente a um confrade que me chama «dorminhoca»

15 *Ainda* que as soluções das minhas charadas estivessem muito «*escondidas*», o confrade não deveria ficar *silencioso*.—1—2
Lisboa — MAMEGO

16 Quando me casar, espero ter com o meu *noivo*, um viver *auspicioso*.—3—1
Lisboa — MARIANITA

Agradecendo ao confrade D. Simpatico

17 Sem *parlapatice* agradeço a sua produção e peço perdão por ser *retardataria*.—2—1.
Lisboa — MENINA XÓ

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 98

HORIZONTAIS.—1 huri, 2 alfim, 3 Elfa 4 Idolo, 5 adora, 6 alfarreca, 7 fa, 8 rim, 9 arado, 10 dei, 11 ir, 12 al, 13 edaz, 14 oboé, 15 gana, 16 Oaraf, 17 alto, 18 luxuria, 19 ias, 20 oos, 21 Pedro, 22 som, 23 teia, 24 afia, 25 oit, 26 cicutas, 27 aso, 28 aro, 29 ara, 30 ogi, 31 Gas, 32 dose, 33 opala, 34 tara, 35 mi, 36 upa, 37 al, 38 sigla. 39 aos, 40 tonel.

VERTICAIS.—1 huerfago, 41 ri, 42 ida, 2 alfa, 43 loara, 44 iardc, 45 mdeo, 3 era, 46 la, 47 anainhos, 48 sim, 49 rã, 7 fez, 11 ida, 50 ra, 51 loa, 13 encoitos, 52 zoupeiro, 53 arudqu, 14 ofiofaga, 54 eliofaga, 55 agoeiro, 56 axe, 57 arr, 58 tamisar, 59 sá, 22 sa, 23 toadas, 60 aosacl, 26 cá, 61 capua, 62 tolas, 63 si, 64 emi, 65 apo, 34 tio.

QUADRO DE HONRA

DOIS TORREJANOS, MENINA XÓ, NONÓ

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaborador RENANDOF.

HORIZONTAIS.—1 velhaco, 2 «ave», 3 lugar do sacrificio, 4 contracção da preposição com o artigo, 5 encómio, 6 «saudação», 7 com, 8 tôdas as letras de TORO, 9 «peixe», 10 «conjunção latina», 11 imagem, 12 magistrado da antiga Roma, 13 viram, 14 rageira, 15 combinar, 16 circulo, 17 «embarcação», 18 aprovei, 19 chiste, 20 «nota», 21 grande quantidade, 22 «medida para tecidos», 23 côro, 24 óleo de zimbro, 25 desgraça, 26 duas vogais, 27 duas letras de «fio», 28 grande abundancia, 29 içar, 30 farelo, 31 suco resinoso de algumas plantas, 32 concordar, 33 ócio (inv.), 34 «ave» (plu.), 35 inclinação, 36 culto, 37 o, 38 «instrumento agricola», (inv.), 39 sábio, 40 «instrumento», 41 pó, 42 agrado, 43 ocasião, 44 apresentai (inv.), 45 «árvore», 46 espécie de silogismo, na lógica dos escolásticos.

VERTICAIS.—1 nódoa (plu.), 25 pessoa importuna, 47 cinto, 48 eia!, 49 acolá, 50 três letras de «Lili», 51 «animal, 11 quatro letras de «Leira», 52 espécie de camêlo, 53 «medida para liquidos», da Suécia, 54 vogal, 8 aspecto (inv.), 55 divisão, 56 no tempo que passou, 20 môlho, 57 tôdas as letras de DORIS, 58 toca, 17 aqueducto (plu.), 59 inquietar, 60 hospedeiro, 14 tende mão!, 61 «pronome pessoal», 62 abundancia, 63 engano, 64 assim seja, 2 fieira, 65 contr. da preposição com o artigo, 66 igual (inv.), 39 três letras de «bambo», 67 censura, 68 parapeito na parte superior das fortalezas, 36 «medida», 69 cinco letras de «ferradura», 70 prégo, 34 prender, 71 tôdas as letras de LIMA» 31 enigma, 72 feições (inv.), 73 «mulher», 28 admiravel, 44 progredia, 74 «fruto», 75 descoberta (inv.), 76 data (inv.), 40 semelhante, 77 «planta», 78 dificuldade.

CORREIO

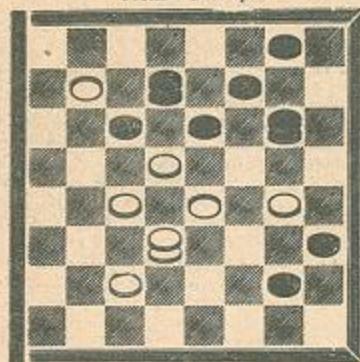
NONÓ—Recebemos o seu problema que não podemos publicar por não sêr desenhado a tinta da China.

Varia

Solução do problema n.º 100

	Brancas	Pretas
1	14-17	2-13
2	9 14	13 2
3	4-8	11-4
4	20-24	2-20
5	3-8	4 11
6	14-18	23-14
7	27-31	10 27
8	31-20-7-21-30-19-6	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 101

Pretas 2 D e 6 p.

Brancas 1 D. e 6 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 99 os srs.: Alipio Amaral, Alvaro Santos, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), Sueiro da Silveira, Vitor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo nosso bem conhecido colaborador Carlos Gomes, com a seguinte respeitavel dedicatoria: Oferecido ao professor Jaime Carolino Valente, grande amador das «Damas,» como recordação das nossas saudosas horas de combate.

Toda a correspondencia relativa esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

A perdição do Inocencio

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

grenhado amarrotado, suado, com a boca esverdeada da serpentina, e com profundas olheiras de quem não está habituado a tais folias, tinha na verdade um ar de pandego e sentia-se com sincera vocação para boemio.

E só de madrugada retirou, mas acompanhado por duas das suas companheiras que o não largaram, supondo-o decerto qualquer Rockfeller de provincia.

Ia então desenrolar-se o ultimo acto d'aquela tragedia na vida do Inocencio. E como nas peças de emoção, o final foi muito diverso do que todos poderiamos supôr.

* * *

A sogra do Inocencio, ao receber de tarde a inesperada comunicação da sua ausencia, ficou de pé atraz. Mas tratou logo de o pôr á frente do outro e de se meter a caminho, afim de aguardar o genro á hora da saída da Repartição. E vendo-o sair, viu logo que não havia serão e que portanto havia pouca vergonha e não o perdeu mais de vista. Ao vê-lo entrar no Maxim's, perguntou ao porteiro o que havia ali, e perante a resposta quiz investir logo como uma flecha por ali dentro, a fim de trazer o Inocencio na sua frente. Mas não lhe permitiram a entrada.

Ainda se quiz fazer passar por frequentadora. Mas o porteiro, sabendo que não havia ordem para substituir os «papillons» por catatúas, cortou-lhe o avanço e indicou-lhe como unico caminho a retirada.

E assim, de madrugada a sua colera tinha a pressão de muitas atmosferas.

Excitada por tão longa espera, em lenta ebulição, era uma sogra ao rubro, em estado igneo e capaz de deixar um Inocencio em estado pastoso.

O encontro foi terrivel, digno d'um quinto acto.

Quando Inocencio se sentou n'um taxi no meio das companheiras, a sogra, que lhe seguira os movimentos, subiu para a almofada do chauffeur e enfiando a cabeça por uma das janelas da frente, bradou tragicamente, dando ao mesmo tempo uma gargalhada verdadeiramente satanica, sinistra:

— Com que então refórmas logo duas. . . pautas de cada vez. Que grande reformador!

E' claro que n'esta altura já as aludidas pautas se tinham escapado cada uma por sua porta e o Inocencio só voltou a si quando já em casa lhe ofereceram uma porção de bolachas, da aliança da mulher com a sogra.

A partir dêsse dia foi guardado á vista. Coitado, em vez de progredir, retrogradou. Em vez de se emancipar, voltou á edade da tutela.

De novo, como na infancia, em que sempre a creada foi buscá-lo á saída do colegio, ia a sogra busca-lo á saída da Repartição.

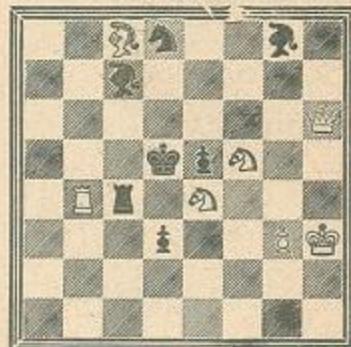
E d'aquela noite, ficou-lhe apenas a extranha recordação d'um sonho fantastico, impossivel de repetir, e na Repartição, onde a scena foi falada, o «sobriquet pomposo de „Grande «Reformador das Pautas».

AUGUSTO CUNHA

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 101

Por J. Pospisil

Pretas (7)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 100

1 D. 7 C D, P. 6 D; 2 T. 1 C D
P. 6 R; 2 B. 3 B R
P. 3 C; 2 T. 7 T R

Um problema em que o desimpedimento Bristol aparece em mais de uma variante, designa-se com o nome-aliaz improprio, de duplo Bristol; o tema aparece com nitidez nas 3 variantes.

Resolveram o problema n.º 99 os srs. Nunes Cardoso, Maximo Jordão e Grupo de Amadores de Xadrez de Rio de Moinhos (Abrantes).

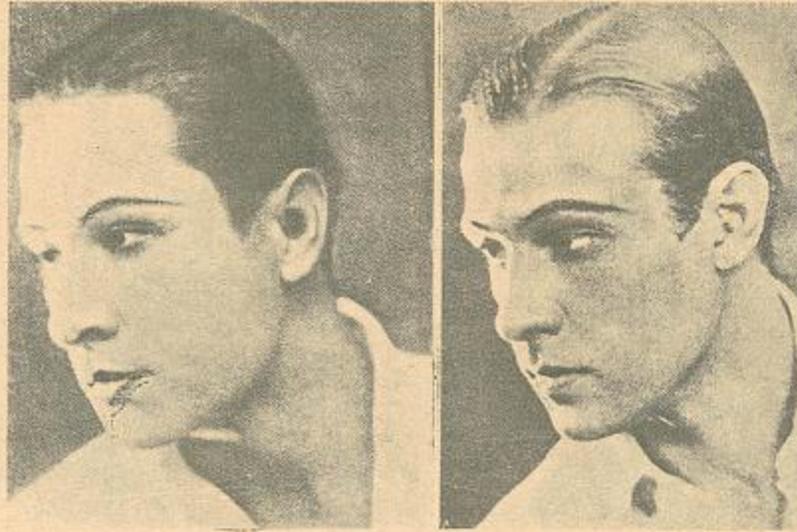
ERRATA: — No numero anterior, na solução do problema n.º 99, cortar 1 D. 8 B D, solução do n.º 98. que por gralha foi repetida.

Onde diz: — P. 8 R=D; 2 D. 3 D etc.
ler: — P. 8 R=D; 2 D. 3 C D etc.

Actualidades gráficas

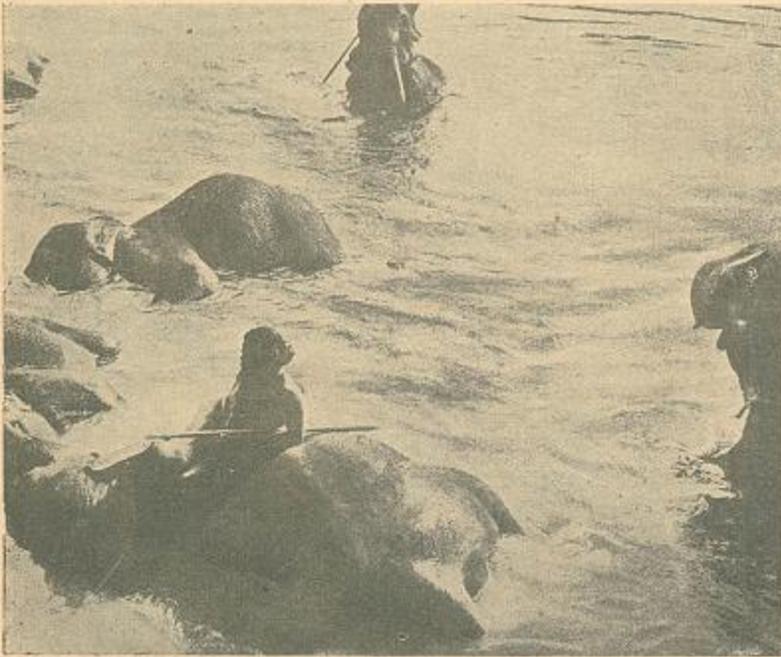
OS NOSSOS EDITORES

Paulo Emilio Guedes, um dos nossos maiores editores de arte, a cuja iniciativa se deve essa maravilha que todas as Escolas devem possuir: os quadros da Historia de Portugal.

O NOVO RUDOLFO VALENTINO

O aristocrata hungaro tenente Tibor Mindszeut é parecidíssimo como falecido oz cinematografico Rudolfo Valentino. A grande actriz hungara Carlota Fedak fez-se sua emprezaria e acaba de enviá lo á América. O tenente está á esquerda. A' direita o malogrado galã morto ha tempo.

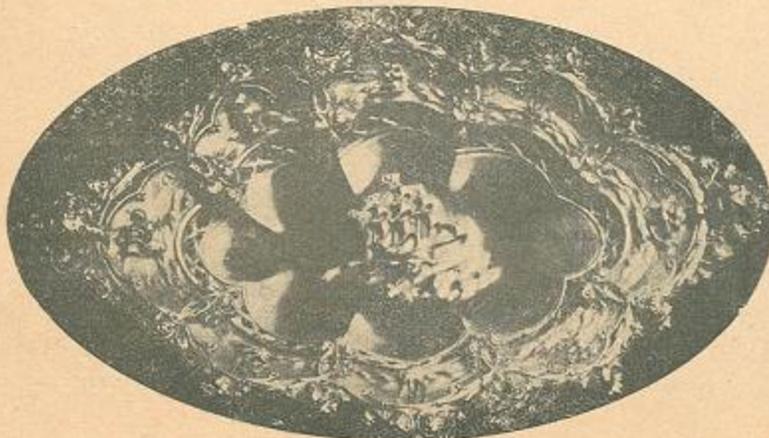
OS NOSSOS DIPLOMATAS

Antonio de Certima, brilhantissimo escritor, que acaba de ser nomeado nosso consul em Dakar. Antonio de Certima fez ha pouco uma notavel conferencia em Braga, sob o titulo «Nova Republica»

O BANHO DOS ELEFANTES

Na India, os elefantes santos no seu tradicional banho diario, no qual se mostram deliciados.

UM ALMOÇO DE HOMENAGEM

Um grupo de admiradores e amigos ofereceu ao tenor Almeida Cruz, emprezario do Apolo, um almoço de homenagem, a proposito do grande exito e do acerto que constitue a peça «Mouraria», dos nossos queridos colaboradores Lino Ferreira e Silva Tavares, e de Lopo Lauer.

A SEMANA DAS OURIVESARIAS

Um dos mais belos exemplares expostos, da casa J. M. Pedro Fraga, da Rua da Palma, 82

O JULGAMENTO DO HEROI DOS DEMBOS

Aspecto do tribunal que se organisou a bordo da fragata D. Fernando para julgar o grande militar que é João d'Almeida. O promotor de justiça e o general presidente. No primeiro plano, de costas, o coronel João de Almeida.

ANTONIO DE PAULA LOPES

Sucessor de ANTONIO MARIA LOPES

Armações completas de egrejas, salas e teatros em todos os generos
Riquissimo "stock" de veludos e sedas ornamentais

A MAIOR E MAIS ANTIGA CASA DO SEU GENERO NA PENINSULA

RUA DA PALMA, 5, 1.° Telefone N. 2978

"LINFATINA"

Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «LINFATINA»—Nobre Sobrinho.

DEPOSITO

Teixeira Lopes & C.ª Ltd.

45, Rua de Santa Justa, 2.°
LISBOA

SAES DE KRUSCHEN

ESPERAR A SORRIR

Porque invejar aquele que para todos e por tudo sorri? Animo alegre nasce da perfeita saude como esta, egualmente, nasce da «insignificante dose diaria» de ***SAES KRUSCHEN.***

Uma leve pitada na chavena de café ao almoço, a prostração, fastio, indisposições intestinais, dores de cabeça e depressão — dores reumaticas e gotosas, desvanecem-se perante o maravilhoso «efeito dos Kruschen» que, ilimitadamente, renovam o organismo e o vigor intelectual. Porque custa um sorriso apenas um escudo por semana? Porque em tanto importa o KRUSCHEN ***com a primazia do gozo gratuito da semana.***

A' VENDA NAS BOAS FARMACIAS

DEPOSITOS:

LISBOA — Rua 24 de Julho, 56 e 56-A
Telef. C. 3256
PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 191
Telef. 250

CARDOSO

TELEF. 333 C.

134, RUA DA PRATA, 136

LISBOA

OS MAIS CHICS MODELOS DE CHAPEUS PARA SENHORAS

SEMPRE SORTIMENTO EM CHAPEUS DE LUTO

Construcção Civil

SERRALHERIA

DE

Albano de Souza Valadares

19 ESTRADA DA DAMAIA

BEMFICA

Trabalhos garantidos em todos os generos

Orçamentos gratis

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

P. A. GALAPITO

FARMACEUTICO

Rua dos Correeiros, 174, 1.° — LISBOA — TELEFONE N. 3403 CAIXA POSTAL N.° 286

ARMAZEM DE PRODUTOS QUIMICOS E ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

FORNECIMENTOS COMPLETOS PARA FARMACIAS E HOSPITAIS

PRODUTOS ESTERILISADOS EM AMPOLAS, ETC.

Importação directa dos principais fabricantes.

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
[illegible]
ESTRANGEIRO
[illegible]

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA